

# “DEUS TOMA O SEU LUGAR NA CONGREGAÇÃO DIVINA”: ESTUDO EXEGÉTICO DO SALMO 82

---

TADIELLI VENITES LOPES PEREIRA<sup>1</sup>  
FELIPE ALVES MASOTTI<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa explora a congregação divina em Salmo 82:1, onde Deus participa de uma assembleia celestial. A análise busca oferecer uma nova perspectiva sobre esses "deuses", levando em consideração o possível contexto histórico do autor do Salmo, situado em um momento específico dentro do período monárquico de Davi e Salomão. Ao investigar o contexto histórico da passagem, o estudo postula o reinado de Salomão como seu ambiente de produção. Sugere-se que Asafe utilizou o Salmo 82 de maneira irônica para criticar os líderes de Israel, comparando a falta de justiça deles com os deuses de outras nações. Embora a análise exegética seja crucial para uma compreensão aprofundada, nem todos os elementos serão abordados. Conclui-se que o Salmo 82:1 possui um pano de fundo histórico que enriquece significativamente a passagem.

**Palavras-chave:** Concílio divino. Salmo. Deuses. Asafe. Contexto histórico.

## "GOD TAKES HIS PLACE IN THE DIVINE ASSEMBLY": EXEGETICAL STUDY OF PSALM 82:1

**Abstract:** This research explores the divine assembly in Psalm 82:1, where God takes part in a celestial gathering. The analysis aims to provide a new perspective on these "gods," considering the possible historical context of the Psalm's author, situated in a specific moment within the

---

<sup>1</sup> Graduado em Bacharel de Teologia. Faculdade Adventista do Paraná. Email: tadilucca@hotmail.com

<sup>2</sup> Ph.D. em Estudos Religiosos com ênfase na Bíblia Hebraica (Andrews University). Professor de Antigo Testamento e Hebraico no Seminário Adventista Sul-Americano da Faculdade Adventista do Paraná. Email: fermasotti@yahoo.com.br

monarchical period of David and Solomon. In investigating the historical context of the passage, the study posits Solomon's reign as its production environment. It suggests that Asaph used Psalm 82 ironically to criticize the leaders of Israel, comparing their lack of justice with the gods of other nations. While exegetical analysis is crucial for a profound understanding, not all elements will be addressed. It is concluded that Psalm 82:1 has a historical backdrop that significantly enriches the passage.

**Keywords:** Divine Council. Psalm. Gods. Asaph. Historical context.

## 1. Introdução

O livro dos Salmos, ao longo dos séculos, tem servido como uma janela profunda para o entendimento da experiência religiosa e da expressão do antigo Israel (Nichol, 2004, p. 14). Dentro dessa rica coleção, o Salmo 82 emerge de forma intrigante que desafia interpretações convencionais sobre a dinâmica divina e a justiça pactual. Esse salmo, atribuído a Asafe, um dos líderes musicais do rei Davi, apresenta uma cena dramática onde Deus é descrito como estando no meio de uma "congregação divina", e julgando entre os "elohim".

A religião monoteísta de Israel apresenta uma visão única de Deus, destacando Sua figura como o juiz supremo que Se ergue para pronunciar vereditos (Miller, 1987, p. 55-74). Nesse âmbito, emerge o conceito do concílio celestial, um local celestial onde Deus administra os assuntos do Seu governo (Heiser, 2020). Esse concílio não apenas representa a transcendência divina, mas também serve como uma esfera onde questões fundamentais, incluindo aquelas relacionadas à idolatria, são deliberadas e decididas (Summer, 2013, p. 19-20). Dentro desse contexto teológico, o Salmo 82:1 chama a atenção ao referir-se a essa notável ocorrência conciliar, revelando a complexidade da compreensão hebraica do divino e a interação entre Deus e os seres celestiais em Sua corte divina.

No versículo 1, o salmista retrata Deus participando de uma reunião celestial. Nela, Deus toma o Seu lugar na congregação divina e em meio aos deuses, Ele julga (Sl 82:1). Esse trecho tem sido objeto de acalorados debates entre estudiosos da teologia bíblica, gerando uma variedade de interpretações sobre o significado da expressão "congregação divina" (Adeyemo, 2010, p. 708-709). Além disso, surgem indagações sobre a identidade desses "Elohim" que estão associados a tal congregação e que são referenciados no Salmo.

A teologia do Antigo Testamento se desdobra em um vasto campo para exploração e reflexão, proporcionando *insights* sobre a compreensão teológica de seu tempo. O Salmo 82 emerge como uma janela particular para o entendimento da cosmovisão israelita sobre a divindade (Miller, 1987, p. 55-74). Esse salmo, mais do que oferecer uma visão da cultura do Antigo Oriente Próximo, apresenta questões pertinentes sobre a dimensão espiritual e o modo como Deus se relaciona com ela (Heiser, 2004, p. 34-67). A análise do Salmo 82:1 é de relevância notável, pois tem o potencial de ampliar a compreensão acadêmica sobre as figuras envolvidas nessa congregação divina e de engajar novas discussões sobre o texto. Este estudo, portanto, se justifica não apenas por aprofundar a interpretação teológica do Salmo 82:1, mas também por catalisar um diálogo acadêmico sobre quem seriam os *elohim* mencionados, e assim propiciar uma expansão do entendimento sobre as complexas e as interações divinas retratadas na literatura do Antigo Testamento.

O Salmo 82:1 apresenta uma intrigante congregação divina, na qual Deus toma seu lugar para julgar. A identidade dos deuses (*elohim*) mencionados e a natureza da congregação divina são aspectos que geram debates e diversas interpretações entre os estudiosos. A falta de consenso sobre quem são essas figuras divinas dentro de uma religião monoteísta de Israel é

pertinente, e, portanto, favorece o seguinte problema: ao Deus Se levantar em Sua congregação, quem são os deuses (*elohim*) retratados na passagem?

Com o propósito de lançar mais luz sobre o tema, este estudo tem como objetivo oferecer uma nova perspectiva, que abre caminho para uma interpretação alternativa do possível contexto do Salmo 82:1, em particular sobre quem são os "*elohim*" referenciados. Para alcançar esse objetivo, buscou-se inicialmente, compreender elementos exegéticos textuais; em seguida compreender a referência à congregação divina na passagem; e, por fim, avaliar as implicações teológicas da identidade dos *elohim* para a religião monoteísta de Israel a partir de um contexto histórico. Esses objetivos foram fundamentais para atender à demanda percebida.

Este estudo se propôs a explorar a congregação divina retratada no Salmo 82:1, buscando elucidar a identidade dos *elohim* mencionados e compreender o contexto da congregação divina dentro da religião de Israel. Para alcançar os objetivos delineados, foi adotada uma metodologia histórico-gramatical, apoiada por uma análise exegética do texto. A abordagem histórico-gramatical considerou tanto o contexto histórico quanto a estrutura gramatical do texto, apoiando a leitura aprofundada e atenta do significado original pretendido pelo autor do Salmo.

A exegese foi o instrumento primário para o levantamento de dados, sendo a análise realizada no texto hebraico original do Salmo 82:1, examinando a gramática, a sintaxe e o vocabulário utilizado. Ademais, foram consultados diferentes traduções e comentários bíblicos para enriquecer a interpretação do texto. Referências bibliográficas secundárias também foram analisadas para corroborar as descobertas e oferecer uma base sólida para a interpretação proposta. Os dados levantados através da exegese foram apresentados de maneira seletiva, focando nos aspectos que diretamente contribuíram para uma nova possibilidade de compreensão.

## 2. Contexto Histórico Literário de Salmo 82:1

Visando uma melhor compreensão do texto e ao, mesmo tempo, focando no que se mostra importante para delimitar o estudo deste artigo, se faz necessário realizar uma análise literária, discorrendo sobre a delimitação da perícopes, autoria e bem como estrutura literária menor.

### 2.1. Delimitações de Perícopes

Para que possa haver uma compreensão, bem como uma análise fidedigna ao texto bíblico, é fundamental iniciar com a delimitação da perícopes, visto a necessidade de observar o contexto imediato e como ele se porta em meio à estrutura e ao contexto maior. Para isso, de acordo com Fee (2008, p.179), os Salmos não se devem ser analisados ou delimitados como uma epístola ou uma narrativa. Eles devem ser considerados como poemas, especificadamente, poemas musicais.

Sendo assim, nota-se que o livro dos Salmos é um conjunto de diversos cânticos ou poemas. Ou seja, a delimitação da perícopes ocorre naturalmente com a divisão dos salmos, que ocorre na organização do livro. Tal organização geralmente inclui uma abertura que aponta para a autoria de cada poema (Fee; Stuart, 2008, p. 175-180; Young, 1949, p. 260).

Portanto, no Salmo 82, a expressão hebraica מְזִמּוֹר לְאַסָּף (*mizmôr la'āsāp*) abre a perícopes, o qual significa "o cântico de Asafe". De igual modo, o Salmo 83 inicia outro poema com מְזִמּוֹר

מִזְמוֹר (mizmôr la'āsāp), indicando outra perícopes poema do mesmo autor. Em suma, nota-se uma divisão natural no texto.

## 2.2. Autoria

Em relação à autoria, é importante lembrar que o livro dos Salmos é uma coleção de 150 cânticos, orações e poemas. Ele faz parte dos chamados livros poéticos da Bíblia e inclui contribuições de vários autores. A coleção final e atual, de acordo com Pfandl e Rodriguez (2007, p. 22), foi reunida no período de Esdras e Neemias. Assim, 73 Salmos são atribuídos a Davi e os demais cantos se referem a outros autores. Os demais autores são: os filhos de Coré (11 salmos); Salomão (2 salmos); Jedutum (4 salmos); Hemã, Etã e Moisés (1 salmo de cada); e Asafe (12 salmos) (Dillard; Longman III, 2006, p. 204-205; Young, 1949, p. 260).

Entretanto, ao se tratar do Salmo 82, não há discussão a respeito da autoria, visto que ele já indica ser de Asafe. Sendo assim, no prólogo do salmo a expressão "o cântico de Asafe" é autoexplicativa (Kidner, 2006, p. 324; Young, 1949, p. 259-260; Wiersbe, 2006, p. 228). Portanto, esta pesquisa sustenta que não há razões suficientes para refutar a autoria de Asafe.

## 2.3. Estrutura Menor

Além da organização literária ampla, se faz necessário realizar uma análise da estrutura menor, ou seja, da perícopes (Sl 82:1-8). Ao observar o texto, nota-se que a passagem se comporta de maneira quiástica, tendo sua estrutura no formato ABCDCBA. Sendo assim, a estrutura literária da perícopes proposta por Allen (2002, p. 435-436) pode ser sistematizada da seguinte forma:

- A - v. 1 "Deus julgando a assembleia divina"
- B - v. 2 "Acusação contra os deuses"
- C - v. 3-4 "Carga contra os deuses"
- D - v. 5 "Resultado do fracasso dos deuses"
- C' - v. 6 "Proclamação do antigo status dos deuses"
- B' - v. 7 "Sentença sobre os deuses"
- A' - v. 8 "Oração para que Deus Se levante e julgue a Terra"

Com base nessa análise, constata-se que o versículo central da perícopes é o versículo 5, apontando para o fracasso dos *elohim* (deuses). Os demais versículos se correspondem na descrição da acusação da eventual sentença sobre os ditos *elohim* dessa assembleia. Portanto, no versículo 1 Deus é descrito como Aquele que está julgando no concílio divino. Essa descrição paraleliza o versículo 8. Este último contém um pedido de oração ou petição para que Deus Se levante e julgue a Terra. De igual modo, os versículos 2 e 7 paralelizam a acusação divina contra os *elohim* e a eventual punição que sobre eles recai. Na sequência, os versículos 3 e 4 retomam a menção à comissão dos *elohim* para que a imagem seja completada pelo versículo 6, apontando assim para quem são os *elohim* (Tate, 2002, p. 435-436).

## 3. Congregação Divina

O Salmo 82:1 (Heiser, 2020) nos apresenta uma visão intrigante e misteriosa da congregação divina. Na teologia bíblica, o termo "conselho divino" descreve o exército celestial,

uma assembleia de seres divinos encarregados de administrar os assuntos do cosmos sob a autoridade de Yahweh, o Deus de Israel. Essa concepção não era única de Israel, visto que diversas culturas mediterrâneas antigas também tinham sua própria versão de um conselho divino. No entanto, o conselho divino na religião israelita era distintamente configurado. Isso tem implicações significativas para a compreensão de Deus e do mundo invisível na teologia bíblica.

### 3.1. A Congregação Divina nas Culturas Pagãs

A relação (Heiser, 2020) entre o conceito de assembleia divina em Israel e as concepções de panteões divinos nas culturas do Antigo Oriente Próximo, notadamente evidenciada nas inscrições ugaríticas, é um aspecto de relevância teológica. A presença de outros *elohim*, em materiais extrabíblicos, pode sinalizar a relativa confluência entre tradições literárias antigas e a Bíblia Hebraica. Assim, Salmo 82:1 é um exemplo claro desse paralelo, onde Yahweh é descrito como estando em Seu conselho e presidindo uma reunião composta por outros *elohim* sob Sua autoridade. Esses seres celestiais são evidentes em outros trechos, como Salmo 89:5-7, que menciona os “filhos de Deus”, e Salmo 29:1, que convoca esses “filhos de Deus” a louvar Yahweh. Isso demonstra que a concepção do conselho divino estava profundamente enraizada na teologia bíblica e paraleliza elementos das antigas tradições do Oriente Próximo. Essa concepção é amplamente documentada em várias culturas da região. O autor John H. Walton (2018, p. 705) destaca que:

No antigo Oriente Próximo, as principais decisões eram todas tomadas no concílio divino. Lá os deuses se consultavam e compartilhavam suas informações e opiniões. A imagem familiar de um trono celestial cercado por uma assembleia divina é bem frequente em textos ugaríticos (de forma mais evidente no épico de Keret), embora o concílio cananeu seja formado pelos deuses do panteão. Existem também exemplos nas inscrições de Yehimilk em um prédio do século dez, na cidade de Biblos e na esteira Karatepe de Azitawadda. No texto acadiano Enuma Elish, a assembleia dos deuses nomeia Marduque como seu líder. Cinquenta deles formavam essa assembleia, com sete no concílio interno.

Em sua obra, Heiser (2004, p. 34-67) aborda uma variedade de tópicos relacionados ao conceito de conselho divino nas tradições ugaríticas e hebraicas. Apesar de não serem idênticos, esses paralelos indicam a existência de um conceito semelhante, proporcionando insights valiosos para a compreensão do contexto teológico do Salmo 82. Heiser (2004, p. 34-67) investiga a localização do conselho divino, a estrutura funcional, os membros e o papel do vice-regente, estabelecendo comparações entre a mitologia ugarítica e a hebraica. Sua argumentação sugere que ambas as tradições compartilham princípios similares sobre a natureza do conselho divino. Além disso, Heiser (2004, p. 34-67) destaca estudos acadêmicos recentes que oferecem evidências linguísticas e literárias, correlacionando a assembleia divina em Ugarit com a Bíblia hebraica. Ele ressalta que, embora não sejam idênticas, há uma considerável congruência entre elas.

A seguir, o Quadro 1 sistematiza o que Heiser (2004, p. 34-67) apresentou sobre os paralelos entre a assembleia divina em Ugarit e a Bíblia Hebraica. É importante ressaltar que esse é apenas um exemplo dentre vários paralelos abordados pelo autor:

**Quadro 1:** "Local de reunião do conselho divino"

Elementos	Conceito Ugarítico	Conceito Bíblico
Montanha cósmica	Ponto de encontro entre deuses. Local de reunião de El (hurs\anu)	Monte Sião (Sl 48:1-2; Is 14:13; Ez 40:2); Monte Sinai (Êx 3:1; 4:27)
Reunião divina	Local de encontro de El e seu conselho	Monte Sião (Salmo 48:1-2; Isaías 14:13)
Fontes de fertilidade/ geografia	"Fontes duplamente profundas"; elemento geográfico associado ao conselho.	Águas do Éden (Gn 2:6-15)
Decretos divinos	Decretos emitidos do "tabernáculo de El"	Decretos emitidos do Monte Sinai (Êx 19-20)
Tendas de El	"Tendas de El" onde decisões são tomadas	Tenda do Encontro onde Deus fala (Êx 33:7-11)

**Fonte:** Os autores (2023).

O propósito primordial de Heiser (2004, p. 68-89) reside na apresentação de uma perspectiva alternativa, que sustenta a continuidade do monoteísmo na religião de Israel, em contraposição às posições de outros estudiosos como Mark S. Smith (2003, p. 48-49, 156) e Simon Parke (1995, p. 532-559) que advogam o processo evolucionário de uma transição do politeísmo para o monoteísmo mais restrito e intolerante. Seu exame aprofundado dos elementos do Antigo Oriente Próximo contribui para uma compreensão mais abrangente dos materiais extra bíblicos relacionados à assembleia divina.

O autor Paul B. Sumner (2013, p. 5-27), em seu artigo "*Visions of the Divine Council in the Hebrew Bible*", discute extensivamente a presença da assembleia divina em várias nações do Antigo Oriente Próximo. Ele destaca que civilizações como Mesopotâmia, Egito, Canaã e Ugarit possuíam tradições ricas que indicavam a existência de uma hierarquia divina organizada em uma assembleia celestial. Sumner baseia sua análise em uma variedade de achados arqueológicos e textos cuneiformes que revelam detalhes sobre as opiniões e práticas religiosas dessas culturas. O autor aponta para textos como a Epopeia de Gilgamesh e mitos sobre a criação, nos quais a assembleia divina é claramente delineada. Ele observa que a estrutura hierárquica e as interações entre os *elohim* nessas narrativas refletem a presença de uma divindade superior liderando uma coletividade de divindades subordinadas.

Portanto, a presença de uma assembleia celestial nas tradições do Antigo Oriente Próximo encontra ecos notáveis em passagens bíblicas que aludem aos conselhos divinos, como visto nas referências ao conselho celestial em textos proféticos e poéticos (Sal 82:1; 89:5-7; Is 6:1-6; Jr 23:18, 22). A convergência de temas sugere um diálogo cultural e teológico, mas também ressalta a capacidade única da tradição israelita de reinterpretar e singularizar concepções comuns. Assim, embora existam paralelos evidentes, a teologia hebraica preserva sua singularidade, expressando sua compreensão monoteísta sobre a assembleia divina.

### 3.2. A Congregação Divina em Israel

Conforme a discussão anterior, paralelos entre a Bíblia Hebraica e textos de nações circunvizinhas evidenciam que a concepção não era exclusiva de Israel. Contudo, existem singularidades que demonstram algumas divergências, mostrando uma configuração diferente em Israel. Portanto, serão apresentados abaixo pontos que se destacam sobre essa configuração da congregação divina israelita. Miller (1987, p. 55-74) destaca que a "centralização radical do poder divino" em Israel, concentrando a autoridade suprema em Yahweh, o Deus da nação, é a mais forte característica distintiva. Em muitas mitologias da região, o conselho divino era frequentemente visto como um grupo de convidados presentes em conjunto, muitas vezes com

dinâmicas complexas e até mesmo conflitos internos. Esse é um ponto fundamental de diferença, sublinhando uma ênfase na unidade divina e no governo monoteísta em Israel.

Miller (1987, p. 55-74) apresenta a estrutura central do governo divino como um elemento crucial nas decisões que abrangem desde questões cósmicas até aquelas de natureza social e política em Israel, o que evidencia a centralidade do conselho divino na governança celestial. O autor explora diversas facetas dessa administração divina, que incluem não apenas reuniões onde decisões são tomadas (1Rs 22:19-23; Jó 1:6; 2:1), mas também eventos como anúncios de nascimento (Gn 18), destruição de cidades devido a práticas injustas que são feitas (Gn 18-19), além de episódios relacionados a batalhas (Js 5:13-15; 10:10-12; 2Sm 5:22-29; 2Rs 6:15-19; 7:6). Além disso, o autor discute a comunicação entre Yahweh e Seus profetas, citando passagens como Amós 3:7; Jeremias 23:18-23 e Isaías 6:1-13. No entanto, o destaque recai sobre o funcionamento do conselho divino, conforme exemplificado em 1 Reis 22:19-23, onde Miller descreve a interação complexa entre o controle exercido por Yahweh e a participação do conselho no desenvolvimento do plano divino. Segundo ele:

Aqui ocorre uma interação muito complexa entre o controle de Yahweh e o envolvimento do conselho no desenvolvimento do plano que o Senhor ordena. A direção e o decreto de Yahweh são a intenção que se realiza; o espírito é uma agente do propósito de Yahweh; o profeta é o mensageiro da palavra divina, e o conselho é o lugar onde tudo isso é feito (Miller, 1987, p. 62).

De acordo com Sumner (2013), a admissão no concílio se torna um critério para a autêntica missão profética, como visto em Jeremias 23:18, 21-22, onde o profeta, se realmente fizesse parte do concílio, proclamaria as palavras de Deus e redirecionaria o povo de seus caminhos equivocados. Sendo assim, a responsabilidade primária pela entrega da palavra divina parece ser atribuída aos profetas humanos (Ag 1:13). Sumner sublinha a singularidade desse fenômeno dentro de Israel, pois embora os profetas tenham acesso à sala do trono de YHWH, eles não são designados como “filhos de Deus” ou “santos”, mantendo sua condição mortal. Isso sublinha a distinção da tradição profética de Israel no contexto mais amplo das antigas crenças do Oriente Próximo (Sumner, 2013, p. 24-25).

Sumner (2013, p. 5-25) destaca ainda a subordinação dos membros do conselho a YHWH. Assim, o concílio opera em conjunto com as três imagens teológicas primárias de YHWH: Rei, Juiz e Guerreiro. Como rei, YHWH exerce poder e governo sobre a natureza e a história, e a assembleia Lhe presta homenagem e comunica Seus decretos (Dt 32:43; Is 6:3; Sl 103:20-22, 148:1-6; Jó 38:7; Ne 9:6). Na função de juiz, os membros judiciais de YHWH investigam questões éticas, registram crimes e executam juízos, refletindo a responsabilidade moral do universo e da história humana (Is 1:2; Sl 82:1-4; Zc 3:3-5). Por último, a imagem do guerreiro retrata o poder de YHWH para estabelecer um governo justo e Se envolver na guerra santa, com o conselho marchando ao Seu lado como um exército celestial (Js 5:14-15; 13:8; 2Rs 6:17; Sl 18:10; 91:11; 99:1; Ez 1; 10). Assim o autor enfatiza a responsabilidade crucial do conselho em manter a justiça e a retidão no universo, onde a retidão é entendida como uma ordem mundial abrangente e um princípio de ordem moral e cósmica. O conselho atua de forma decisiva em resposta ao pecado ou à injustiça, restaurando a paz e a ordem.

No contexto do Salmo 82, Wiersbe (2006, p. 228) delinea a ação divina na assembleia celestial, destacando Deus como legislador e juiz supremo (Is 33:22). Ele preside uma congregação celeste, onde Sua onisciência dispensa a necessidade de defesa ou apelação. Wiersbe (2006) ressalta que Deus, em Sua soberania, está de pé para proclamar Sua decisão, refletindo Sua autoridade incontestável. Essa representação sublinha a imparcialidade e a sabedoria divina, conforme expressas em Gênesis 18:25 e Isaías 3:13-15, onde Deus, como Juiz

de toda a Terra, reina com justiça e conhecimento abrangente, sem a necessidade de processos humanos. Kidner (1980, p. 324) diz que “esta assembleia, no entanto, está presente para ser julgada, não para ser consultada”.

Segundo Matthews (2018), Deus assume a posição de diretor-chefe na congregação dos poderosos (Sl 82:1), evidenciando Sua autoridade sobre o poder legislativo, enquanto simultaneamente ocupa o papel de magistrado supremo nos conselhos dos príncipes, governando sobre o poder executivo. A avaliação e julgamento entre os *elohim* que representam os magistrados inferiores são ressaltados como manifestações do controle divino sobre todas as esferas de liderança. Nesse contexto, a ideia central destaca-se: “Deus está, como diretor-chefe, na congregação dos poderosos, o poderoso, nos conselhos do príncipe, o magistrado supremo, e Ele julga entre os *elohim*, os magistrados inferiores; tanto o poder legislativo quanto o poder executivo dos príncipes estão sob o olhar e a mão de Deus” (Matthews, 2018, p. 822-823).

Em resumo, o Salmo 82:1 revela uma assembleia divina complexa, mas ordenada, onde Yahweh governa com autoridade e sabedoria supremas. O concílio divino, com as suas características distintas na teologia israelita, serve como uma lente única através da qual o governo do cosmos é compreendido. O Salmo enfatiza o papel de Deus como legislador e juiz, destacando a unidade e subordinação dentro do conselho divino com o propósito de manter a justiça e a retidão no universo.

### 3.3. Os *elohim* do Salmo 82:1

Os estudiosos ainda não são uníssonos sobre a identidade dos *elohim* em Salmo 82:1. Por exemplo, Michael S. Heiser (2020), baseado em sua análise da expressão hebraica אֱלֹהִים (*elohim* /Deus) em Salmo 82:1 e em outros textos bíblicos, sugere que essa palavra abrange uma ampla variedade de entidades divinas. Ele destaca que, em Salmo 82:1, as traduções modernas em inglês tendem a obscurecer o plural do termo “אֱלֹהִים” (*elohim*), optando por traduções como “governantes” ou “seres divinos” por receio de comprometer a crença no monoteísmo. No entanto, Heiser (2020) argumenta que essa tradução não reflete a riqueza teológica presente na passagem. Ele observa que, à luz de outros textos (Gn 35:7; Dt 32:17; 1Rs 11:33; Sl 89:5-8), é possível identificar uma variedade de entidades mencionadas como אֱלֹהִים (*elohim*) na Bíblia Hebraica. Portanto, no contexto do Salmo 82, segundo o autor, os אֱלֹהִים não são governantes humanos, mas sim seres divinos que fazem parte do conselho celestial de Yahweh. Heiser (2020) diz:

Os “אֱלֹהִים” (*elohim*) do conselho de Yahweh no Salmo 82 são seres divinos, não governantes humanos. Isso é óbvio na passagem paralela do Salmo 89:5-8. No Salmo 82:6, o plural “אֱלֹהִים” (*elohim*) é chamado de “filhos do Altíssimo”. Esses “אֱלֹהִים” (*elohim*) não são humanos, pois o Salmo 89:6 (Sl 89:7 em hebraico) localiza sua assembleia ou conselho nas nuvens ou no Céu (בְּשָׁחַק, *vashshachaq*) não na Terra (2020).

Já Kidner (1980, p. 323-324), em seu comentário sobre o Salmo 82, apresenta três interpretações sobre a identidade dos “*elohim*”. A primeira sugere que esses “*elohim*” são juízes humanos, com base em passagens do Antigo Testamento que mencionam presença diante de “Deus” em procedimentos legais (Êx 21:6; 22:8-9, 28; 18:15-16). A segunda interpretação considera que esses “*elohim*” são “principados e potestades”, poderes espirituais, mais frequentemente chamados de príncipes, presentes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Is 24:21; Dn 10:13, 20-21; 12:1; Sl 8:5; Jó 1:6; 38:7; Ef 6:12; Ap 12:7). A terceira interpretação poderia ser remanescente do politeísmo, e esta é estranha segundo o autor, pois “fazer com que

Javé autenticasse as reivindicações deles com as palavras: 'Eu disse: Sois *elohim*' (6) seria totalmente fora de harmonia com o caráter Dele".

Em seu comentário, Adeyemo (2010, p. 708, 709) discute a identidade dos "*elohim*" e também apresenta três interpretações possíveis: a primeira sugere que estes são *elohim* das nações vizinhas; a segunda os considera como seres espirituais angelicais ou juízes e governantes humanos; e a terceira propõe que representam os juízes humanos de Israel. Adeyemo (2010) argumenta que, dada a ênfase no julgamento ao longo do Salmo, a interpretação mais provável é que esses "*elohim*" se refiram aos juízes humanos de Israel, já que eles perverteram a justiça (Êx 21:6; 22:7-8; Js 10:32-36).

Meyer (2002, p. 303) sugere que esses "*elohim*" são "juízes e magistrados de Israel". De acordo com o autor, a intenção de Deus era que eles atuassem como Seus "porta-vozes e representantes" (Meyer, 2002, p. 303). Da mesma forma, Macdonald (2001, p. 454) sugere que esses líderes são considerados "*elohim*" porque "atuam como representantes de Deus para manter a ordem na sociedade". Wiersbe (2006, p. 228) aprofunda esse ponto de vista, destacando que o termo "*elohim*" (v. 1, 6) não está conectando com os falsos *elohim* pagãos, pois essas "divindades inexistentes não são representantes judiciais de Jeová na Terra". Também não se trata de anjos, pois os anjos não são suscetíveis à morte (v. 7). Em vez disso, o termo "deuses" (*elohim*) se refere a pessoas que receberam a significativa responsabilidade de representar o Senhor na Terra e de interpretar e aplicar Sua lei (por ex., Êx 18:13-17; 21:6; Dt 16:18-20; 17:2-13; 19:15-20; 21:2). Isso é corroborado pela citação de Jesus do versículo 6 em João 10:34-36.

Portanto, a discussão sobre quem seriam os *elohim* permanece em aberto, e as possibilidades exegéticas, sejam elas gramaticais ou argumentativas, têm sua força e relevância, mas ainda não oferecem uma resposta definitiva. Tendo em vista que o posicionamento acadêmico a respeito dos *elohim* não é consensual, as maneiras comuns de compreender essa passagem podem indicar a perspectiva do leitor ao fazer uma análise exegética seletiva, desconsiderando o contexto geral da perícopes. Um elemento que contribuiria para lançar mais luz sobre a compreensão de Salmo 82:1 em relação aos *elohim* é examinar tanto a expressão hebraica "אֱלֹהִים" (*elohim*), que apresenta uma variação de significado, quanto às argumentações apresentadas por outros autores para buscar um possível contexto histórico que evidencie o período que seu autor Asafe viveu. Por esse motivo, no tópico a seguir será explorado um possível contexto histórico para Salmo 82:1.

## 4. Um possível Contexto Histórico

Em relação ao contexto histórico, este artigo não tem a intenção de apresentar uma resposta final ao tema de Salmo 82:1. Contudo, busca oferecer uma nova perspectiva que destaca a importância de uma pesquisa mais aprofundada sobre o possível momento histórico em que o autor estava inserido. Essa nova abordagem fornece uma configuração diferente ao Salmo, levantando a possibilidade de que o autor, Asafe, esteja ironizando os líderes de Israel e comparando a falta de justiça deles com os deuses injustos de outras nações.

### 4.1. Argumento 1: Experiências Pessoais e Eventos Históricos em Salmos

Do mesmo modo como em qualquer texto bíblico, os autores dos Salmos, ao comporem suas poesias, o fizeram intrinsecamente imersos no contexto histórico e nos eventos pessoais

que marcaram suas vidas. Assim, Mayer (2002, p. 270) sugere que a essência da maioria dos Salmos reside na experiência pessoal dos autores, enfatizando que essas composições não representam meramente uma formalidade de devoção, mas são reflexos autênticos de indivíduos que; nas palavras do autor, “não poderiam viver sem Deus”. Por isso, os Salmos não são apenas manifestações poéticas de piedade, mas testemunhos genuínos da necessidade espiritual profunda que permeou a vida dos escritores. Macdonald (2001, p. 371, 372) amplia essa compreensão ao categorizar diversos Salmos em diferentes tipos, incluindo expressões individuais ou coletivas de louvor e estímulo, bem como narrativas que delineiam a relação de Deus com Seu povo. Essa variedade de formas sugere que os Salmos não se restringem a uma única função devocional, mas abrangem um amplo espectro de experiências humanas e interações com o divino.

Na análise de Walton (2018, p. 66, 667), destaca-se a perspectiva de que os autores dos Salmos tinham uma ligação profunda com o seu ambiente cultural e que suas composições não se baseavam exclusivamente em revelações divinas, mas também refletiam as concepções comuns do mundo antigo. Isso implica que as palavras, imagens e ideias apresentadas nos Salmos não eram simplesmente elementos de linguagem poética, mas sim representações da realidade tal como foram percebidas pelos leitores da época.

Nichol (2004) em diferentes momentos de sua obra contextualiza a experiência do autor conforme relatado a seguir, realçando a importância crucial de compreender os Salmos à luz de seus contextos históricos e eventos pessoais dos autores. Atribuindo ao Salmo 3 a autoria de Davi durante sua fuga de Absalão, o autor demonstra como o contexto pessoal influenciou a composição (NICHOL, 2004, p. 716). O Salmo 8, mesmo sem contexto explícito, é imaginado como uma possível reflexão de Davi sobre suas experiências pastorais e conexão com a natureza (NICHOL, 2004, p. 729-730). O Salmo 9, embora não mencione eventos específicos, é sugerido como relacionado a 2 Samuel (NICHOL, 2004, p. 733). O Salmo 11 é associado ao período de fuga de Davi e à visita de Jônatas, enquanto o Salmo 13 é interpretado como resposta às provas de Davi nas mãos de Saul (NICHOL, 2004, p. 733, 743). Outros Salmos, como o 23, refletem as experiências de Davi como pastor e líder, enquanto o 27 é conectado ao período em que Davi era um fugitivo procurado (NICHOL, 2004, p. 772, 783). Salmos como o 32 (referente ao pecado com Bate-Seba), o 35 (conspirações de Absalão e Aitofel), o 51 (penitencial) e o 54, 57, 60, 61, 63, 72 e 74 estão associados a contextos históricos específicos da vida de Davi, desde exílios até guerras e eventos relacionados ao seu reinado (NICHOL, 2004, p. 795, 805, 849, 857, 863, 870, 876, 898, 906). Essa abordagem evidencia a relevância de compreender os Salmos não apenas como expressões poéticas, mas como respostas autênticas dos salmistas a eventos, emoções e experiências pessoais em suas vidas.

Assim, esta argumentação ressalta que os autores dos Salmos não eram meros adoradores formais, mas indivíduos profundamente envolvidos numa jornada espiritual e emocional. Escrevendo a partir de suas experiências e necessidades intrínsecas, esses salmistas ofereceram ao mundo não apenas poesia devocional, mas relatos autênticos de uma fé que permeou todos os aspectos de suas vidas. Essa perspectiva enfatiza a importância de interpretar o Salmo 82:1 considerando um possível contexto histórico e as experiências pessoais que moldaram o autor Asafe.

## 4.2. Argumento 2: Desenvolvimento da Preeminência do nome de Asafe

Asafe, uma figura proeminente nos relatos bíblicos, desempenhou um papel significativo como músico durante a era de Davi. Como líder dos asafitas, um renomado clã de músicos e cantores no templo de Jerusalém, ele é mencionado em várias passagens, incluindo 1 Crônicas 6:39; 25:1-2 e 2 Crônicas 5:12. A designação “chefe” dos levitas (1Cr 16:1-6, 37-42) destaca a importância de Asafe na liderança das atividades musicais diante da arca em Jerusalém, embora sua genealogia seja vinculada a Gérson, filho de Levi, e sua associação com Davi seja encontrada nas narrativas cronísticas (1Cr 6:16-33; 6:31-48; 15:16-19). A teoria de que a tradição dos asafitas teve origem no norte de Israel é discutível, mas sua influência nas práticas culturais pós-exílicas é evidente. O papel de Asafe como “o vidente” (2Cr 29:30) sugere uma função profética nos clãs musicais, de acordo com Mowinckel e Johnson (Freedman, 1992, p. 747-748).

Um possível contexto histórico para a atividade de Asafe em Israel é o seu aparecimento conectado com um momento específico da história de Davi, onde o rei traz a arca para Jerusalém (1Cr 15:16-17; 16:7). Longman (2008, p. 24-26) delinea a influência marcante de Asafe como líder de uma corporação musical no templo, destacando seu papel ao liderar a música durante a entrada da arca no templo de Salomão, conforme registrado em 2 Crônicas 5:12. Isso leva à possibilidade que Asafe inicia seu ministério com Davi e o desenvolve até o período do reinado de Salomão.

Outro ponto significativo é o desenvolvimento da preeminência do nome de Asafe. As expressões “Asafe é filho”, “Asafe e seus irmãos”, “Asafe” e “filhos de Asafe” podem indicar uma transição de importância de Asafe. Assim, sua presença no reino é gradativamente substituída por seus filhos. Isso pode ser observado no quadro 2.

**Quadro 2:** O quadro do desenvolvimento do nome de Asafe:

Texto	Nomes	Período ou Ano
1Cr 6:39	Asafe, filho de Berequias	Reinado de Davi
1Cr 15:17	Asafe, filho de Berequias	Reinado de Davi
1Cr 15:19	Asafe	Reinado de Davi
1Cr 16:7	Asafe e seus irmãos	Reinado de Davi
1Cr 16:37	Asafe e seus Irmãos	Reinado de Davi
1Cr 25:1	Filhos de Asafe	Reinado de Davi
1Cr 25:2	Filhos de Asafe	Reinado de Davi
1Cr 25:6-8	Asafe, um dos três chefes	Reinado de Davi
1Cr 22:1-29:25	Os preparativos de Davi para o reinado de Salomão	Transição do reino
2Cr 5:12	Inauguração do templo; Asafe e seus filhos estavam presentes	Reinado de Salomão
2Cr 9:29-31; 10:1-36:21	O fim do reinado de Salomão e início e trocas dos Reis em Judá	Transições de reinado
2Cr 20:14	Filhos de Asafe	Reinado de Josafá
2Cr 29:13	Dos filhos de Asafe	Reinado de Ezequias
2Cr 35:15	Filhos de Asafe	Reinado de Josias

**Fonte:** Os autores (2023).

O Quadro 2 mostra que o auge do ministério de Asafe está nos reinados de Davi e Salomão, pois seu nome é preeminentemente utilizado sozinho por textos que se referem a esses períodos históricos. Assim, após o reinado de Salomão, seu nome só aparece ligado aos seus filhos, indicando que sua descendência continuou a servir os reis e seus sucessores (2Cr 20:14; 29:13; 35:15). Nichol (2012, p. 58-59) data o reinado de Davi como “1011-971 a.C”,

totalizando 40 anos, sendo “sete anos em Hebron e trinta e três em Jerusalém” (1Cr 29:26-28). Nichol também data o reinado de Salomão como “971-931 a.C.”, afirmando que “Salomão reinou sobre todo o Israel, em Jerusalém, durante quarenta anos” (2Cr 9:30).

Dessa forma, é possível conjecturar que a vida de Asafe está conectada ao período dos reinados de Davi e Salomão. Tal perspectiva histórica levanta possibilidades interpretativas para o Salmo 82. Assim, o próximo argumento sugere uma resposta à seguinte questão: Qual momento histórico da vida de Davi ou Salomão poderia lançar luz sobre a expressão “Deus toma o Seu lugar na congregação divina; no meio dos deuses, Ele julga”?

### 4.3. Argumento 3: Salomão e os Templos Pagãos

A aceitação de Asafe como o autor do Salmo 82, com sua conexão com os reinados dos reis Davi e Salomão, sugere a possibilidade da existência de um período crítico durante os reinados destes reis para a composição do poema. Este artigo propõe que o reinado de Salomão é descrito com características específicas que aparentam estar conectadas com a crítica levantada por Asafe no Salmo 82. Dessa forma, ao explorar o reinado de Salomão, torna-se necessário examinar não apenas suas grandiosas realizações, mas também as escolhas que o conduziram a uma trajetória decadente, notadamente expressa na construção de templos pagãos (1Rs 11:1-11).

Segundo Walton (2018), a prática de Salomão de casar-se com 700 princesas estrangeiras (1Rs 11:3), à luz das tradições diplomáticas da época, buscava consolidar alianças políticas. No entanto, a multiplicidade de suas esposas teve impacto direto sobre suas decisões religiosas (1Rs 11:4). As divindades estrangeiras adoradas por Salomão, como Astarote, Moloque e Quenos (1Rs 11:5-7), são oriundas da diversidade cultural e teológica presente na região durante seu reinado. A construção de templos para essas divindades, em paralelo ao Templo em Jerusalém, destaca a ambivalência de Salomão entre suas responsabilidades políticas e a preservação da fé monoteísta. Essa interconexão entre casamentos, culturas e cultos lança luz sobre os desafios espirituais alimentados e enfrentados por Salomão e sobre suas decisões que moldaram significativamente o destino de Israel (Walton, 2018, p. 473-475).

O relato de Salomão, conforme delineado por Nichol (2012, p. 862-863), revela um ponto crucial em sua trajetória, evidenciando não apenas sua riqueza material, mas também suas fraquezas morais. O acúmulo desenfreado de ouro e prata, assim como a multiplicação de cavalos, representavam violações diretas das advertências de Moisés (Dt 17:16-17). No entanto, é a menção específica às “mulheres estrangeiras” que destaca a queda notável de Salomão (1Rs 11:3). Apesar de sua sabedoria inicial (1Rs 3:9-14), o rei caiu em uma armadilha moral, permitindo que suas numerosas esposas estrangeiras o desviassem do caminho da fidelidade a Deus. Como resultado, ele investiu na construção de santuários pagãos e marcou uma triste reviravolta em sua trajetória que iniciou com promessas de sabedoria. A indignação divina diante dessas ações culmina na retirada da bênção e na advertência de que o reino será dividido, apesar da misericórdia divina concedida por amor a Davi (1Rs 11:9-13).

Conforme observado por Adeyemo (2010, p. 432-433), Salomão cedeu ao amor por suas esposas estrangeiras. Essa foi uma prática que, ao longo do tempo, o afastou dos preceitos divinos, resultando na adoração a deidades pagãs como Astarote e Milcom. Não apenas Salomão se curvou a essas divindades, mas, sob a influência de suas esposas, também construiu templos para Moloque e Quenos (1Rs 11:7-8). Macdonald (2001, p. 248) enfatiza que o construtor do magnífico templo de Jerusalém mergulhou na construção de lugares de adoração a divindades pagãs. Meyer (2002, p.187) diz: “Ao redor de toda cidade Santa se ergueram templos pagãos.”

Ellen G. White (2007, p. 53-59) comenta as alianças políticas que resultaram na queda do rei Salomão como armadilhas de Satanás. Essas alianças incluíram casamentos com princesas pagãs e transações comerciais. A perda gradual de visão espiritual levou Salomão a confiar mais em suas próprias habilidades do que na orientação divina. Assim, embora as alianças comerciais com nações pagãs tenham trazido riquezas materiais, o caráter de Salomão se corrompeu. Em vez de usar o dinheiro para beneficiar os necessitados, canalizou-o para projetos egoístas. O orgulho, a ambição e a grande abundância transformaram Salomão de um rei sábio e misericordioso em um tirano opressor, cujas práticas resultaram em “frutos da crueldade e da extorsão”. Tributo após tributo era lançado sobre o povo, a fim de serem levantados meios que sustentassem a luxuosa corte. “O povo começou a queixar-se.” Mas o pior estava por vir. White (2007, p. 58-59) comenta:

Na elevação sul do Monte das Oliveiras – oposto ao Monte Moriá onde se erguia o belo templo de Jeová – Salomão ergueu um imponente bloco de edifícios para serem usados como santuários idólatras. Para satisfazer suas esposas, colocou enormes ídolos – desproporcionadas imagens de madeira e pedra – entre as alamedas de murta e oliveiras. Aí, diante dos altares das deidades pagãs – “Camos, a abominação dos moabitas”, e “Moloque, a abominação dos filhos de Amom” (1Rs 11:7) foram praticados os mais degradantes ritos do paganismo.

Ainda nessa mesma linha de pensamento White (2007, p. 59) comenta:

Aquele que no início de seu reinado havia demonstrado tanta sabedoria e simpatia em restituir um desamparado bebê a sua desafortunada mãe (1Rs 3:16-28), caiu tão baixo a ponto de consentir na construção de um ídolo ao qual se ofereciam em sacrifício crianças vivas [...] em seus últimos anos afastou-se tanto da pureza a ponto de favorecer ritos licenciosos e revoltantes relacionados com a adoração de Camos e Astarote.

Portanto, esse período da história de Salomão marca uma queda moral degradante naquele que deveria cuidar do povo, explorando-os ao ponto em que os recursos destinados a ajudar os pobres e necessitados foram utilizados para erguer obras egoístas e ímpias. Ao redor do templo do Senhor, vários templos de deuses pagãos foram erguidos para adoração pagã. Por isso, esse momento histórico pode ter sido o pano de fundo para a expressão escrita por Asafe: “No meio dos deuses, Ele julga” (Sl 82:1).

## 5. Considerações Finais

Neste estudo, foram exploradas diversas interpretações propostas por estudiosos para a interpretação de Salmo 82:1, sejam elas relacionadas ao conselho divino, aos deuses (*elohim*) pagãos ou aos juízes de Israel no contexto da comunidade de fé. Todas essas abordagens direcionaram a discussão central sobre a identidade dos “*elohim*” mencionados no Salmo 82:1 à luz de um possível contexto histórico, proporcionando uma perspectiva que abre espaço para uma nova interpretação.

Dessa forma, ao explorar um possível contexto histórico para a passagem, o estudo propõe o reinado de Salomão como o ambiente de produção do texto. A análise sugere que Asafe pode ter utilizado o Salmo 82 como uma forma de crítica irônica aos líderes de Israel, comparando a falta de justiça deles com os deuses de outras nações. Nesse sentido, é possível conjecturar que os versículos 1 e 8, atuando como estrofes de abertura e conclusão do poema, constituem uma espécie de invólucro e delineiam o desenvolvimento da temática central que envolve a injustiça desses líderes de Israel.

Por esse motivo, uma nova estrutura para a compreensão do Salmo é proposta. Nela, compreende-se que o versículo 1 retrata Deus julgando entre os *elohim* das nações (imagens de escura nos montes em Jerusalém), enquanto o versículo 8 convoca-O para julgar toda a Terra, pois Ele é o Deus de todas as nações (o invólucro). O cerne do Salmo, que se estende do versículo 2 ao versículo 7, aborda os líderes considerados *elohim* (juízes), incumbidos de zelar pela justiça como representantes de Deus, mas, na prática, agindo com injustiça. Assim, é possível harmonizar o Salmo da seguinte forma:

**Figura 3:** O quadro abaixo mostra uma possível estrutura:

Texto bíblico: Salmo 82:1-8	Possível interpretação
Assembleia divina (v 1)	Seres celestiais e profetas (vidente Asafe)
No meio dos deuses ( <i>elohim</i> ) (v. 1)	Os deuses pagãos (templos e estatuas de pedras) nos montes de Jerusalém preliminarmente equivalidos aos juízes e magistrados de Israel
“vós sois deuses” (v. 6)	Juízes e magistrados de Israel

**Fonte:** Os autores (2023).

Dessa maneira, os *elohim* mencionados no versículo 1 não participam do concílio divino no Céu, pois são estátuas. Eles estão apenas sendo destacados como personagens dentro de um possível elemento poético, a partir do contexto histórico, para equivaler essas divindades pagãs à atuação dos líderes da nação judaica. Esse destaque fortalece um paralelo onde os líderes de Israel assemelham-se a esses *elohim* (estátuas), têm boca e não falam em defesa dos fracos e órfãos; têm olhos e não veem a injustiça contra os aflitos e desamparados; têm ouvidos e não ouvem o clamor dos necessitados, têm mãos e pés, mas não os libertam das mãos dos ímpios (e.g., Sl 115:5-8). Por esse motivo, os líderes de Israel ao proferirem julgamentos injustos, acolherem pessoas ímpias e negligenciam a justiça para com o pobre, o órfão, o aflito e o necessitado são semelhantes a essas estátuas pagãs (*elohim*).

É importante ressaltar que este estudo não busca oferecer uma resposta final, mas sim estimular a academia a continuar investigando esse tema histórico. O Salmo 82:1, quando contextualizado no período de Salomão, oferece uma rica fonte de reflexão sobre os desafios morais enfrentados por Israel e a relação entre as escolhas dos líderes e o destino da nação. Os pesquisadores são encorajados a aprofundar as conexões entre os eventos históricos, a teologia do Salmo e as implicações para uma compreensão mais ampla da espiritualidade israelita. Em um mundo acadêmico em constante evolução, novas perspectivas e descobertas têm o potencial de lançar luz sobre questões antigas. Este estudo, ao enfatizar a importância do contexto histórico, fomenta a continuidade da pesquisa para alcançar uma compreensão mais completa do Salmo 82:1.

## Referências

ADEYEMO, T. **Comentário bíblico africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

ALLEN, L. **Psalms 51-100**. Dallas, TX: Word, 2002. (Word biblical commentary).

ALMEIDA, J. **Bíblia Sagrada João Ferreira de Almeida**: Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

**BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BUSH, F.; HUBBARD, D.; LASOR, W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

CARSON, D. et al. (Eds.). **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

DILLARD, R.; LONGMAN III, T. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006.

FEE, G.; STUART, D. **Entendes o que lêes?:** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FREEDMAN, D. N. (Ed.). **The Anchor Bible dictionary**. Nova York: Doubleday, 1992.

HENRY, M. **Commentary on the Whole Bible**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1706-1721. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/henry/mhc3.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

HEISER, M. A. **The divine council in late canonical and non-canonical Second Temple Jewish Literature**. 2004. Tese (Doutorado em Teologia) – University of Wisconsin, Madison, 2004.

HILL, A.; WALTON, J. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2007.

LONGMAN III, Tremper (Ed.). **Dictionary of the Old Testament: wisdom, poetry & writings**. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2008.

KIDNER, D. **Salmos 1–72: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980. (Série Cultura Bíblica).

KIDNER, D. **Salmos 73–150: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980. (Série Cultura Bíblica).

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular do Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

MATTHEWS V.; Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MEYER F. **Comentário Bíblico F. B. Meyer: Antigo Testamento**. Belo Horizonte, MG: Betânia, 2002.

MILLER, Patrick D. Cosmology and world order in the Old Testament divine council as cosmic-political symbol. **Horizontes na Teologia Bíblica**, janeiro de 1987.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. V. 3. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. (Série Logos, v. 3).

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. (Série Logos, v. 2).

PARKER, Simon B. The beginning of the reign of God: Psalm 82 as myth and liturgy. **Revue Biblique**, v. 102, n. 4, 1995, p. 532-559.

SUMNER, P. B. **Visions of the divine council in the Hebrew Bible: Ancient Near Eastern backgrounds**. Malibu, CA: Pepperdine University, Religion Division, 2013.

SMITH, M. S. **The origins of biblical monotheism: Israel's polytheistic background and the ugaritic texts**. Nova York: Oxford University Press, 2003.

WHITE, Ellen G. **Profetas e reis**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WALTON J. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON J. **O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia Hebraica**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WALTON J. **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary: Psalms, Proverbs, Ecclesiastes & Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009.

WIERSBE, W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento, v. 2 – Poéticos**. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.

YOUNG, E. **An introduction to the Old Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1949.